

## **ANEXO B – ENTREVISTAS**

\* Entrevistas de livre narrativa, coletadas na cidade de São Caetano de Odivelas, no período de 17 de maio a 11 de julho de 2003.

### **Entrevista 1 - Ismael Ferreira dos Santos, o “Preá” (artesão)**

Eu comecei a fazer os cavalinhos com uma certa idade já. Eu comecei inventar, isso foi criatividade, para brincar. Eu fazia pra brincar, depois eu passei a fazer porque eles falavam pra fazer. Tinha uns colegas que brincavam comigo, aí a gente fazia e brincava. Fazia cavalo, a gente brincava de vaqueiro, tudo no Tinga. Eu brincava no Tinga há muito tempo, eu tinha uns quinze anos, isso é só inventado mesmo, criatividade, eu não aprendi com ninguém.

Lá pelo dia dez, dia quinze de junho, já tem um bocado pronto. Quem faz os bois é o “Dos Reis”, agora, os paneiros quem faz é o Edgar. Ele faz e a gente encapa, pinta. Eu faço mais cavalo e máscaras, é de pano, de papel, faço de palhaço, alguma cara feia de qualquer coisa, arma a forma de barro e encapa com papel, cola, costura, conforme o tipo de trabalho.

### **Entrevista 2 – Uma das filhas de seu “Preá” (costureira)**

Meu pai, seu Ismael, tem vezes que ele faz máscara de papel machê, tem vezes que ele faz de papelão, depende da máscara. Tem cara de cachorro, tem cara de quati, ele vai criando assim, cara de galo, aquela crista, tudo isso. Eu tenho um sobrinho que faz essas máscaras. Já eu e minha irmã, já trabalhamos mais com os pierrôs, na costura. A minha mãe já faz as flores e ela enfeita os capacetes. Todo mundo trabalha com isso na família, eu já faço os Pierrôs, minha mãe já faz a flor, meu sobrinho já faz as máscaras e cada um vai.

A parte da costura é mais eu e a minha irmã, que trabalhamos na costura fazendo a roupa dos pierrôs, as calças dos que dançam embaixo do boi, só dos cabeçudos que não, porque geralmente eles usam paletó. Daquele paletó eles já enchem a manga assim, com esponja ou com folha de bananeira. Na ponta eles colocam a mão de papelão ou quando não de esponja e o paletó já pega daqui, da cintura pra baixo.

Dos Pierrôs o modelo é igual porque ele é tudo costurado em tiras. Tem outros personagens que a gente faz também, já teve cachorro, uma vez saiu aqueles Simpsons, de todo jeito eles fazem. Tem homem vestido de mulher, vão fazendo pra brincar, tem fantasia de todo jeito, tudo eles inventam.

O melhor mesmo já é pro final pelo festival junino, que é no terceiro final de semana de junho. No festival ai sai tudo quanto é brincadeira e se apresenta; é quadrilha, desfile de miss, tudo quanto é brincadeira tem. Lá eles fazem essas barracas pra vender essas miniaturas de máscaras, de cabeçudo, é boneco já enfeitado com os pierrôs, miniatura dos cavalinhos, miniatura dos bois, tudo isso eles fazem pra vender. Cada barraca eles colocam uma coisa, venda de comida, mingau. Aí lá tem varias apresentações, sai uma e entra outra. Às vezes vem quadrilha de outra cidade, da Vigia que fica perto, do Tauá e até de outros lugares mais longe.

### **Entrevista 3 - Luís Ferreira de Melo, o “Cobó” (artesão, criador da Zebra)**

Isso aí foi da cabeça da gente, fazer esses trabalhos, não vi ninguém fazer. Eu comecei fazer com doze anos isso, comecei inventar de tabatinga, aí eu fiz de um jeito, aí pra mim não prestou, fui tentar fazer não acertei. Quando foi no outro ano de novo já melhorei mais e aí eu fui fazendo, aí o pessoal ia comprando e foram perguntando onde é que vendia, como é que comprava e foram informando e daí eu vi que tinha saída e aí eu continuei fazer.

O barro, a tabatinga, eu fiz a fôrma, da fôrma eu peguei, encapei com papel e aí precisa da goma, do durepox, essas coisas todas. Até agora está saindo esse negócio. Por exemplo, os cabeçudos, o paneiro, a gente pega a tala do tucumã, limpa ela e começa a preparar. A cabeça é grande, é debaixo pra cima que vai tecendo. Pra cá vai diminuindo, sabe? A gente vai botando duas talas por cima de uma. Esse é um tipo de trabalho que é só pra cabeçudo mesmo.

Quando eu comecei fazer já existia, só porque não era tão bem perfeito quanto está sendo agora. Quanto mais o tempo vai passando, mais vai aperfeiçoando. Antigamente a última capa era daquele papel róseo de embrulho. Nós já pensamos na tinta vermelha com a branca que fica rósea e ficou melhor o cabeçudo. Todo ano a gente vai modificando, melhorando mais.

Quanto mais a pessoa vê aquilo tão bonito, uma fantasia pra gente isso, sabe? O cabeção sem ele colocar o paletó ele não é nada. Aí depois a gente coloca o paletó, fica parece uma pessoa mesmo, um boneco pra gente. A gente acha aquilo tão bonito, o pessoal tem admiração no boi, mas tem mais no cabeção, tem umas pessoas que são mais ligadas no cabeção.

O cabeçudo é pra atrair o povo, o pessoal fica encantado de ver aquilo. A dança do Cabeçudo é diferente, é um carimbó. O palhaço já é tudo pulando, ele é só passeando, sabe? Nós temos aqui mesmo em São Caetano quem faz isso; a mulher costuma costurar a roupa dos Pierrôs, eu faço as máscaras e faço os boizinhos.

Eu também brinco, eu gosto de brincar. Eu tenho as pernas da calça do boi aí guardado. Eu brinco debaixo do boi, eu bato carimbó para eles, eu viro bicho! Minha função desde 12 anos era brincar debaixo do boi, mas agora não brinco mais.

A primeira vez que o Tinga saiu, eu fui pegar o Tinga pra brincar. Eu era novo, mas aquilo era pesado, ele pesava quarenta e oito quilos, era tudo novo nele. Depois, com o tempo, as varas foram ficando mais secas, aí foi diminuindo mais, agora eu não sei quantos quilos ele pesa.

Quando eu era criança comecei a fazer boi de lata e quando terminava o mês de junho eu colocava a brincadeira na rua, para moleque tudo é bom, né?

Depois eu inventei já de vara, era aquele negócio de coqueiro. Eu pegava as folhas, cortava e fazia. O chifre era de pau, a orelha era umas folhas do lado, metia um rabo de corda, qualquer coisa prestava e a gente brincava aí na rua. Depois eu fui pensando que não deveria ser assim, eu podia fazer de outro modo, de outro jeito. Não tinha então apoio de nada na época. Depois eu comecei fazer de vara, aí a gente brincava e depois esbandalhava, não usava a cabeça pra fazer melhor.

Depois que eu fui pegando mais incentivo, aí já fiz de vara e desse saco assim de juntar caranguejo. Eu cobria e depois pintava de preto. No meu pensamento já ficou esse bicho, a zebra, eu achei tão bonita a cor da zebra e aí eu fui fazendo, fui fazendo, aí já tive apoio do prefeito, quando eu cresci mais.

Fazia de um jeito não dava certo, mas no mesmo ano, sabe? Fiz umas três vezes e não prestou, mas depois eu acertei, aí saiu melhor. Aí pronto, botei na rua pro pessoal e o

peçoal gostou de brincar comigo, foi me ajudando, até que no outro ano saiu melhor. Ela é de ver mesmo, é feita de vara, ela está bonita!

#### **Entrevista 4 - Caetano Monteiro Zeferino, o “Filhinho” (organizador do Mascote)**

O Tinga é o seguinte, ele foi criado por esses dois meus tios e meu pai e mais um senhor por nome Tito Ferreira Dalmáceo, esse que foi o capitalista da brincadeira. Então, eles lá na ilha do Marajó, no Pacoval, um igarapé por nome Pacoval, eles estavam lá nessa época no mês de São João. Aí lá pela noite do dia treze eles acharam de fazer uma fogueira, inventaram, arrumaram uma cabeça de boi, que até hoje ainda é a mesma e brincaram lá tomando aquela *birita*. Sabe como é pescador, aí depois quando passou essa noitada do dia treze conversaram com esse senhor, seu Tito, que era o patrão lá, ele vendia as coisas e comprava.

Conversaram pra virem pra cá pra São Caetano e mandar fazer esse boi, que é o Boi Tinga, e fizeram. Quando foi noite de São João, no dia vinte e quatro colocaram ele na rua, aí também nesse mesmo ano saiu um Boi por nome Faceiro. Quando foi no término da brincadeira, no dia de São Marçal, eles encerraram a brincadeira e o pessoal do Faceiro matou, fizeram a *matação* do Faceiro e ficou o Tinga. Desse ano pra cá ele ficou saindo. Então ele está com uns sessenta e seis anos por aí assim. Já passou pela minha mão, passou por outros amigos, mas sempre o mais representante da brincadeira foi sendo responsável, eu e esse meu primo, “Zé Lode”.

Tinha os outros filhos, mas eles nunca fizeram caso dessas coisas, aí ficamos nós. Era dois anos pra um, dois anos pra outro. Eu também levei diversas vezes em Belém, levei em Salinas, no Bujaru. E o Tinga foi um boi que sempre saía e eu registrei na federação, inclusive quando eu registrei, naquela época, os prefeitos não faziam caso dessas coisas e a federação ajudava a gente pra comprar um pierrô, pra comprar uma bandeira, pra comprar o couro do boi.

Um dia o prefeito que está aí mandou me chamar e me entregou esse boi pra eu colocar na rua (o Mascote) e já botei três anos. O Tinga é o titular da cidade, é sempre o mais chamado, já foi até pra Brasília. Ele é composto de Pierrôs, bandeiristas, Cabeçudos. Isso aí já vinha de muitos anos, de outras brincadeiras. As pessoas, quando chegava esse tempo inventavam de fazer essa veste de Pierrô, preparar o capacete, a máscara e se organizar pra

brincar. Mas eu não sei quem foi que teve essa idéia, porque quando eu me entendi já existia. Eu estava com sete anos quando saiu o Tinga, eu estou com setenta e três, faz as contas de quantos anos ele tem!

E tem um valor, parece ser uma coisa que é feita de vara e coberta com veludo e tal, mas é uma coisa que tem valor. Por exemplo, o povo valoriza muito, as pessoas de fora que chegam aqui e que vêem essa brincadeira na rua assim. Deu *uma hora dessa* em diante você olha assim é mesmo que ser um círio! O povo gosta mesmo e espia, aplaude mesmo, sabe como é? É animado, é bonito!

Minha orquestra, aqui do Mascote, são vinte pessoas. Tem vários músicos; os tamboreiros, chocalheiro, batedor de banjo, músico de metal são quatro, e aí tem composto de outras coisas.

Já o Tinga foi assim que eu posso informar. Se você vê é o boi, porque de qualquer maneira o pessoal olha assim as outras brincadeiras que tem que são diferentes, tem aqueles bois que tem aquela barra e só uma pessoa dançando debaixo. O importante é as quatro pernas, todos eles são quatro pernas. Dança dois rapazes debaixo, são quatro pessoas que tem que dançar debaixo e vão se revezando, dança um bocado dois e dança outro bocado dois.

Eu quando saía brincava de vaqueiro. Eu e mais três companheiros fazíamos aquela animação que hoje a gente já não encontra quem tenha. E nós não bebíamos, eu fazia minha brincadeira sólida mesmo. A roupa de vaqueiro tem o cavalo e quando a gente saía já preparava com a camisa de florão bonita, o chapéu grande na cabeça, tipo vaqueiro do campo, terçado no lado, mas terçado de pau. Aí a gente saía vaqueirando o boi, laçava e tal. Sabe como é, fazia aquela palhaçada que é pra influir.

Uma vez nós fomos na Batista Campos fazer uma representação e o pessoal aplaudiu muito, mas isso é pra quem tem jeito e não se acanha e dá valor a essas coisas. Ninguém ensaiava, era ensaiado na hora, falando tudo atravessado.

Nós temos em São Caetano essas representações e não é só o Tinga, nem só o Mascote, tem o Faceiro e têm muitos outros.

## Entrevista 5 - Claudenildo da Silva Zeferino (músico)

Em relação à cultura do nosso povo é toda uma tradição, todo povo se entusiasma todo mês de junho que chega, é entusiasmado por aquilo, já é esperado. Nós como músicos temos prazer de fazer parte da cultura, do folclore. Tem o Boi Tinga, tem o Faceiro, tem o Mascote, tem outras brincadeiras mais.

Os responsáveis, eles nos contratam por uma quantia e a gente vai e faz a música. Olha, eu tenho uma composição, isso daí foi uma curiosidade minha. Tenho o meu mestre da banda, ele é um grande compositor, outros músicos também, compositores que já se foram. Aí eu com minha curiosidade, desde pequeno sempre fui curioso com as coisas que aconteciam na música, sempre fui fanático e eu tive curiosidade de querer compor uma música pro boi.

Aqui o maior mesmo, de tradição, é o Boi Tinga. Então a minha vontade era compor uma música pro Tinga. Fiz a música, fui com esse meu mestre e mostrei, ele se agradou e disse: *“aí vai ter futuro, quando eu for daqui desse mundo tu vai tomar meu lugar”*. Foi assim, a curiosidade foi essa.

Em dois mil e um eu fiz a primeira música e dei pra ele, aí ano passado já outras pessoas começaram a me procurar pra fazer, esse ano também. Agora, em termos de verso eu não faço que nem eles, eles tem um dom deles que é eles cantarem em verso, tem a letra da música. Eu não, eu faço simplesmente a melodia, pego a flauta ou então o meu trombone e aí eu faço melodia na música. Eles montam a letra em cima da música, eu faço o ritmo, a melodia da música, pego a minha flauta e começo a soprar, me inspiro, porque às vezes também eu pego muitas músicas deles e transformo a música deles. Eu melhora mais e mesmo a minha música, é aquela coisa do entusiasmo do momento.

Tem umas músicas que num ano se sobressaem mais, aí eles repetem no ano seguinte, que o importante é o pessoal participar. Em relação à juventude, dentro da música mesmo, são poucos agora que tem aquela vontade de participar como os antigos tinham.

Eu como monitor da banda me preocupo com isso, por que é uma tradição, por isso que eu estou me preocupando em me tornar um compositor. Nós já perdemos vários compositores e se eu não me engano aqui é o meu mestre ainda que está. Eu quero que outros colegas meus também procurem se entusiasmar, porque se for acabar, aí nossa cultura daqui a alguns anos não vai mais existir. A juventude de hoje quer uma coisa mais moderna, não quer

se envolver muito. São poucos mesmo do ramo da música que procuram, mas tem aqueles que gostam, então eu espero que esses que estão participando nunca deixem.

Todo mundo gosta, eu faço as músicas, mas eu gosto de estar brincando com o pessoal. Eu tinha a minha equipe que infelizmente já foi pra Belém, a maioria, mas todo ano a gente inventava fantasia pra brincar; fizemos cauboy, depois hedbul, muita coisas. É animado, a gente brinca todo ano, a gente brinca de Pierrô, quando não de Cabeçudo. Cada ano a gente inventa algum coisa, cada ano tem algum jovem assim que inova, faz uma fantasia diferente. Ano passado fizeram uns cachorros, muito cachorros mesmo, os dálmatas e já teve até os metralhas. Esses são pra diferenciar alguma coisa, é aberto ao público, não tem exceção, pode estar fantasiado como estar fantasiado, pode entrar na brincadeira, sem problema nenhum.

#### **Entrevista 6 - Antonio dos Reis Viégas, o “Dos Reis” (artista popular)**

Eu brincava, gostava de brincar, tocar banjo, qualquer coisa eu fazia. Daí veio aquele desejo, eu fui olhando as pessoas que faziam os bois naquele tempo, fui olhando, olhando e vendo aquelas coisas todas e aí morreram os que faziam o boi. Eu disse então “*vumbora ver se a gente pode arrumar uma coisa dessas*”, aí fui fazendo, fazendo, e deu certo. O povo viu, eu fiquei. Mas eu estou há uns quarenta e tantos anos, eu estou com setenta e dois, setenta e três anos e eles ainda me procuram, mas eu sinto cansaço nisso.

Já fiz uns quantos bois de todo tipo de bichos, muitos bichos mesmo de toda qualidade: anta, girafa, é rinoceronte, alce, leão, uma raça de veado, depois pássaro, papagaio de tudo quanto é tipo, peixe, tucunaré, e garça, essas coisas tudinho, até dinossauro. Fiz uns bois que eu já perdi até a conta. Muitos bichos, todos os bichos eu já fiz quase da África e boi eu não tenho nem conta de fazer o currículo. O primeiro foi a Estrela Dalva, eu gostava e até agora eu gosto de fazer, eu sinto é cansaço, mas eu gosto de fazer essas coisas. Assim quando eu estou fazendo essas coisas eu não sinto feliz, mas eu sinto assim mais aliviado porque eu to fazendo aquilo que eu gosto de fazer, não é?

Eles vêm aqui querer aprender as coisas, mas parece assim que eles não sentem graça nisso, né? Aí eu fico. Minha profissão mesmo é carpinteiro naval civil. Toco instrumento de corda dessas marcas, até o teclado eu toco também. Toco teclado, violão, afinal de contas uma poção de coisas eu gostei de aprender e hoje dou até aula dessas coisas. Por isso que eu digo que os nossos chefes não sabem valorizar a gente, ter uma sala

apropriada pra gente ensinar, assim mesmo eu faço esforço e ensino algumas pessoas. Aqui já tem quem toque violão, teclado, até mesmo pintura de paisagem, faço paisagem de todo jeito, pinto igreja, cenários.

Todas coisas que eu faço e procuro fazer bem pra poder a pessoa ver e dizer: “*tá bem feito isso!*” E eu fico alegre. Um monte de coisa a gente já fez na vida, é por isso que eu capricho um pouco pra fazer. Eu faço muita coisa que vem na cabeça, eu vou fazendo, trabalho muito pela igreja, graças a Deus, tenho minha função na igreja, eu sou apenas isso.

Eu já estou com essa idade e esse ano eu falei: *eu acho que já não vou, estou com muitos problemas de saúde, eu acho que não vou me perturbar com essas coisas*. Que nada, tá aí os bichos, olha, já desmontado tudo pra fazer! Chega esse tempo já vem outras pessoas aqui pra fazer e ainda vai aparecer. Até boi de saião a gente faz, mesmo sem estar acostumado a fazer o boi de saia. Essas coisas que a gente vê, essas criatividade, essas coisas assim na televisão, são coisas que alegram a gente e ajudam também no raciocínio, eles tem os talentos deles e a gente tem o nosso.

O festival junino, eu também fui um dos articuladores desse festival, tem uns dezessete anos, eu acho que isso ainda rende alguma coisa pra igreja, que o movimento de casais organiza com consentimento do padre. Vêm aquelas brincadeiras, quadrilha da Vigia, Santo Antonio, até de Belém. Eu acho muito bonito, tudo isso é arte, né?

Pra fazer esses bois assim ainda não tem. Uns camaradas fazem o corpo dele tudo bonitinho, mas a calda é que é. Você roda aqui desde Vigia e o boi que se compara a um boi de verdade é Parintins e Maranhão, mais ou menos isso. Mas o boi como diz um doutor que tinha aqui, o Mario Henrique, quando ele ia lá no CENTUR, “*isso que é o boi ao vivo de São Caetano de Odivelas!*”

### **Entrevista 7 - Raimundo de Souza Rodrigues, o “Castilho” (escritor)**

O Tinga surgiu por volta de mil novecentos e sessenta e sete, mas antigamente nós já tínhamos o boi de máscaras. Esse boi de máscaras nós não sabemos quem inventou, nem como foi que veio parar aqui. Em mil novecentos e sessenta e sete o Boi Tinga já existia, e o Boi Tinga foi criado por um grupo de pescadores na ilha de Marajó. Eles ficaram de conversa de noite: “*Vumbora botar uma brincadeira em São Caetano?*”. Então eles fizeram e ele se

sobressaiu dessa cultura até agora. É muito bonito mesmo, então a gente não pode mudar, não é verdade? A tradição de um povo ninguém pode mudar, é a história do povo, se eles forem fazer uma criação já diferentemente, é errado, né?

De maneira que São Caetano de Odiveias foi fundada pelos jesuítas em mil setecentos e trinta e cinco. Aí o nome adveio do dia que eles chegaram. Era o dia de São Caetano, dia sete de agosto, o santo padroeiro, e deram o nome de fazenda São Caetano. Mas um dos jesuítas, por nome frei Felipe, era odivelense de uma província de Portugal, aí o que é que ele fez? Aí incrementou: São Caetano de Odiveias, e até hoje está, nada de *oh linda! Oh de velas!* Não tem nada disso. De velas, é odiveias mesmo, porque é de Portugal.

Depois pela lei 324 de seis de julho ele passou a categoria de cidade e se desligou do município da Vigia e até hoje nós estamos. Graças a Deus é uma terra feliz, tudo tem de fartura aqui, principalmente pescado e caranguejo. Eu nasci e me criei aqui, depois fui pra Belém estudar e depois voltei pra cá, pra cá é a terra que a gente gosta.

Eu tenho uma impressão seguinte: porque no carnaval existe baile de máscaras, quem sabe se eles não viram, porque Pierrô veio da Colombina, e eles fizeram essa indumentária de Pierrô. Mas aqui eles deram o nome de cagão, depois o pessoal viu que não era, era Pierrô mesmo, aí ficou. Então quem sabe se não foi do baile de máscaras? Engraçado, eles inventam cada história!

Aqui tem português, espanhol, eu por exemplo sou descendente de português, meu avô era português e minha bisavó era índia e também meu bisavô era espanhol, é toda uma mistura de raça. Negro também tinha, teve sírio...

Uma história bacana foi em mil novecentos e setenta e sete. A prefeitura entrou em decadência, nós tivemos um prefeito aqui que depredou o município, ele era muito vândalo e o município ficou devendo muito. Ele foi caçado pelos vereadores, aí veio o vice-prefeito e ele era um senhor muito bacana que tinha muita cultura, era odivelense de corpo e alma, o seu Farias. Quando assumiu, em outubro, ele pagou todas as dívidas. Aí ele disse “*eu devia deixar um marco da minha administração*”.

Aí tinha um engenheiro por aqui e disse “*porque você não bloqueta as ruas*”? Então ele mandou fazer. A nossa cidade é muito bonita.

Esses nomes boi de máscaras, carnaval junino, já é outras pessoas que chamam, não é o povo daqui que chama. O povo daqui chama Boi Tinga, Boi Faceiro, mas a gente sabe que é boi de máscaras mesmo porque são todos mascarados os brincantes, né? Esse boi de máscaras a gente diz assim porque é a cultura popular de São Caetano de Odivelas o chamado boi de máscaras. Só existe aqui em São Caetano, é inédito em todo território brasileiro.

### **Entrevista 8 - Lúcio Alves Chagas (artista popular)**

Surgiu de criança, minha mãe fazia, quando eu *me entendi* eu tava com a idade de nove anos. Aí eu já entendia bem, ela fazia muito, aí ela me ensinou como era. Então não deixou assim um trabalho perfeito. Aí eu cresci, ela morreu cedo, e aí eu criei mais por conta própria mesmo. Aí pronto, eu entendi como é que ela fazia, como é que fazia a pintura, o desenho, como é que fazia a fôrma, tudinho que ela me ensinou. Ela morreu cedo e não deu pra eu levar mais à frente, assim mesmo, da minha idéia, eu fui fazendo.

O material mesmo é jornal, marca de papel, também a gente tem caixa velha aí a gente tira a caixa velha pra fazer engrossar o jornal, pra não rasgar. Eu trabalho com goma, a gente faz a goma, a goma que faz o material da máscara endurecer, ela fica bem. Agora, tem a preparação da goma, porque se preparar a goma fraca ela não agüenta, ela abre tanto o impacto do sol, porque depois de tudo...

A gente faz a fôrma primeiro, primeiramente a fôrma, daquilo que chama tabatinga, que nós chamamos é barro, mas é tabatinga. Eu faço uma fôrma, eu imito varias, vários rostos de tudo quanto é coisa. Porque tem a fôrma que é feita por dentro e comigo já é diferente; porque o pessoal fala que quer uma careta de chifre, aí eles fazem a fôrma. Mas eu não, eu imito no papel, tudinho, aí eu já modelo mais.

Eu tenho aí muitas, ainda agora eu saí daqui (de onde estavam as máscaras), eu já fiz tudo tipo de coisa, fiz bozinho fiz cabeçudinho. Mas não vai dar pra levar porque vai ter o festival junino aqui na paróquia.

O Pierrô você prende num pano e coloca uma toalha, mete no rosto assim e pronto. Enxerga, mas não enxerga assim como nós estamos vendo, mas enxerga. Porque a gente suspira pelos olhos e pela boca, os outros é a mesma coisa, quando a gente não quer fora,

suspira até que a pessoa tem que agüentar. Quando ele não quer ser conhecido ele tira escondido, escapa e aí vai.

Como é que os homens bebem? Por exemplo, a cerveja, tem uns que bebem a cachaça, tem que agüentar aquela quentura dela, do pierrô. No cabeçudo ainda é pior de que o pierrô; é mais quente, a gente não pode tirar. Por exemplo, se está chovendo a gente não pode, a gente tem de procurar uma casa. Assim, tira, pra poder continuar, que a gente fica suadinho, molha tudo.

Ali leva tudo quanto é coisa, às vezes leva bebida, o cara vai bebendo lá dentro, não tá nem sabendo, bala e não entra pedra, eu sei como é. Agora dá muito trabalho, não dá pra mim, sozinho não dá pra mim. Têm outros que fazem, mas eu não ensinei, pegaram uma minha e fizeram. Só que não sei como foi que eles fizeram e os caras tão vendendo barato, porque não é forte.

Isso aqui é só pra essa época. O capacete tem muita gente que faz. O material tem celofane, ou quando a pessoa não quer de celofane tem a grega. Tem que ajeitar bem, vai pregando com cola, vai rodeando. Eu já tenho muitos pierrôs, essa é tinta a óleo, ela demora mais, o esmalte não, com meia hora já está seco. Eu já tenho ali, eu fiz cento e cinquenta, quase duzentas.

A nossa família por parte da minha mãe era só disso. Também, tanto eu desenho como eu faço, como eu pinto.

### **Entrevista 9 - José Zeferino, o “Zé do Lode” (responsável pelo Boi Tinga)**

Esse boi foi fundado pelos pescadores, inclusive meu pai foi um e mais outro que não era pescador, era comprador de peixe. Nessas alturas, geleira tinha pouca para gelar o peixe, mais era salgado o peixe, negócio de importar. Ia pra fora piramutaba seca. E os dois que organizaram a brincadeira do boi um era o dono da canoa, e meu pai era o pescador; ele comprava o peixe pra salgar. A canoa dele era o pontão, lá tinha de tudo, era mesmo que ser uma mercearia. Naquelas alturas respeitavam os domingos, os dias santos, não pescavam. Quando sabiam que tinha um dia santo todo mundo não ia pescar.

Aí quando foi um domingo, eles não foram pescar. Aí, bebendo lá, amarrado na canoa no reboque. O dono da canoa que era o pontão. O nome do meu pai era Laudelino, chamavam “Lode” pra ele. Aí ele disse: “*Cumpadre Lode vumbora por um boi quando nós chegar lá em São Caetano?*” Nisso está se aproximando o mês de maio, como nós estamos agora. Aí tinha outros que estavam lá e participaram da conferência, aí foi, até que acertaram tudinho: “*Tá bom, então vamos por o boi. Como é o nome do boi? O nome do boi vamo colocar Tinga. Ah, é bom mesmo.*” Aí acertaram tudo com os homens que o nome do boi ia ser Tinga, como até agora é.

“*E agora, como é pra nós... noutro domingo vamos lá no campo, na fazenda, vamos ver se nós acha uma cabeça lá*”. Aí, domingo eles foram bater pra lá, quando vieram é com esta cabeça que tá até hoje. Aí, chegaram e lá organizaram. Fizeram o boi, colocaram primeiro ano, colocaram na rua, pregaram uma fita no pescoço dele, verde e amarela, até hoje ele está usando aí.

Só porque aqui é progresso e marítimo, os dois times. Agora tem um bocado de time, mas a essas alturas era só dois mesmo. Só porque pregaram essa fita verde e amarela no pescoço do Tinga, o pessoal do Progresso, que é azul e branco, acharam que o boi já era do Marítimo. Sim, porque foram os pescadores que organizaram. Aí, lá o Geraldo Palmira, que era presidente do Progresso, achou que devia fazer também um boi pra combater com o Tinga e na verdade mandou fazer mesmo. Um cunhado dele, já é morto, também era profissional, igual como esse que está aí, o “Dos Reis”. Ele está renovando, mas não foi ele que fez, foi outro que já morreu.

Aí lá fizeram esse boi, colocaram primeiro ano na rua, igual como o Tinga está. Aí quando foi no segundo ano de novo. Quando foi no terceiro ano acharam que não deviam mais por na rua assim, colocar de comédia. Aí foi, foi, até que só foi esse ano que saiu de comédia, no outro ano nem comédia nem na rua assim. Aí desapareceu, aí o Tinga ficou saindo.

Aí morreu primeiro o finado Tito, que era esse da canoa. Depois morreu meu pai e ficou o Tinga passando de mão em mão, pessoas que queriam se envolver. Aí depois eles acharam que não deviam colocar mais e eu fiquei. Eu e um que morreu também há uns quantos anos que era também esforçado pra não deixar desaparecer e tal, mas só que não

demos sorte que morreu. O nome dele era Antônio. Aí eu fiquei com o Tinga. Uns me pediam, eu dava, só botavam um ano, noutra ano já não queriam.

Só que nessa época, colocar a brincadeira na rua era fácil, por causa que os músicos não tinham preço estipulado, iam tocar ganhavam o que desse pra eles. Dum certos anos pra cá foram passar já a fazer o preço deles, que até agora é. Cada músico ganha um preço, do grande ao mais importante e aí ficou na minha mão.

Quando foi um dia a gente correu uma prancha, um dava dois mil réis naquele tempo, ou se fosse cruzeiro, dava aqueles dois cruzeiros, três cruzeiros. Dava pra suavizar as despesas, que na rua não se cobrava nada, só o que dava era uma cachaça, um mingau, essas coisas.

Isso aí era nove horas da noite, a gente recolhia umas dez horas, aí brincava a noite toda, não tinha briga, não tinha nada. Aí quando foi de manhã eu recolhi a brincadeira, chamei os músicos, paguei e o dinheiro não deu. Chamei a mulher, se tinha dinheiro pra me dar e ela disse: *“rapaz deixa disso, dá prejuízo”*.

Uma noite nós saímos e recolhemos umas dez horas do dia, quando eu vi a mulhé tava me chamando pra falar com um mascarado que tava aí na rua. Ele disse: *“Seu Zé, o boi não vai sair?”* Eu disse: *“Rapaz ainda agora recolhemos, tu não sente cansa não?”* Ele deu de resposta pra mim: *“Eu não, o Tinga só si porque a gente ajuda e agora tu não quer colocar o boi na rua.”* Aí desde esse dia eu disse: *“Para o ano, se eu for vivo, não vou pedir nenhum centavo pra nenhum brincante.”* Desde esse dia que não saiu mais com dinheiro de ninguém, senão agora que a prefeitura tá ajudando, de uns anos pra cá a prefeitura passou ajudar e de qualquer maneira a gente precisa de uma ajuda, senão, não sai, porque não tem condições.

A gente sai na rua com a brincadeira, a gente carteia três reais cada casa. Eles aceitam, dão aquele dinheiro, mas tem casa que só vai dar dois, ainda pede desculpa que não dá. Então a gente sai na rua contando com aquele dinheiro das casas, pra ver se suaviza a orquestra, mas não. Por isso que a gente tá resistindo até hoje, porque a prefeitura tá ajudando. A gente sai, essas viagens assim, mas é pouca viagem que a gente sai. Já fomos até em Brasília. Essas viagens é que está recompensando aquilo que a gente já gastou, certo? Porque sempre que eu tomei conta do boi eu já gastei muito pra ainda estar até hoje o Tinga na rua brincando, pra alegrar a galera como diz o pessoal.

E aí eu fiquei com o Tinga e até hoje a gente está brincando, mês de junho é só quando sai. Tem essas viagens particulares, mas é uma viagem extra. Aqui mesmo a brincadeira só sai mês de junho. Quando a gente sai pra essas viagens é muita gente, principalmente daqui. O pessoal aonde o Tinga vai se exhibir eles vão. A gente chega lá, eles já estão lá esperando, a gente chega lá tem aquela turma, os daqui, os conterrâneos, aí a gente é bem recebido, tem saída, com Tinga, o nome dele tá longe.

Agora esse negócio dos brincantes, dos Pierrôs, que chamam cagão, isso quando eu me entendi já tinha. Porque antes de eu me entender pra conhecer como foi fundado o Tinga, já tinha outros bichos que colocavam aqui: colocaram leão, colocaram tatu, um senhor colocou um boi com nome Vaca Velha. Então já existia isso e nessas alturas já estava tudo isso; existia o Cabeçudo, já existia o Pierrô, tudo isso já existia. Depois, esses que organizaram essas brincadeiras, no passado, foram desaparecendo as pessoas.

Eu tenho lembrança dos que começaram. Pelo menos ai, tinha um que o nome dele era Paranga, morava acolá, no Pepéu, que colocou o Leão. Já os outros, tenho pouca lembrança que eu era pequenino e não tenho lembrança, esse só porque quando eu comecei a ver a vida como era e tal, já estava entendido, uns doze anos a treze anos. Depois eu fui fugindo, já ia pro Marajó com o pai e foi o ponto de apreciar tudinho. Aí, eu já tava com os meus dezesseis, dezessete, quando eles organizaram lá e está até hoje o Tinga.

Sabe que em princípio, quando a gente foi na Vigia, eles disseram que não é nada de boi, é carnaval. Depois que eles foram se conformando e viram que é boi mesmo, agora eles não chateiam mais: “*Olha, o carnaval chegou!*” Não, agora eles sabem que é boi.

### **Entrevista 10 - Célio Zeferino**

Até eu acho que esse nome de Tinga talvez seja de alguma origem de um boi por lá de nome Tinga, que lá tem muita fazenda, no Marajó. Talvez tivesse um reprodutor lá, um garrote por nome Tinga e eu acho que os pescadores aproveitaram o ensejo e botaram o nome de Tinga.

Cada qual é assim, no caso: tem o Tinga, tem o Faceiro, tem a Zebra, que sempre sai, tem o Dinossauro, cada qual com seu nome. Eu acredito que esses bichos diferentes, já são invenção de uma pessoa assim que coloca, pega um livro, acha bonito e aí coloca e às

vezes dá certo, né? Pelo menos o Dinossauro tem mais de dez anos, a Zebra tá aí uns quinze anos. Ano passado não saiu o Dinossauro nem a Zebra por causa da situação financeira. Antes as coisas eram mais baratas, se tornava mais fácil. Por exemplo, uns quinze anos atrás eles colocavam o boi, saía tipo assim umas quatro horas da tarde, quando era meia noite já tava com dinheiro pra pagar a orquestra. Agora não, agora é difícil, até muda o comportamento da brincadeira.

Os brincantes aqui, eles chegam pra sair no Tinga umas seis horas da tarde. Aí quando é dez horas ou onze horas eles acham que já estão cansadas e já ficam poucos brincantes e aí fica até difícil de arrecadar o dinheiro pra pagar a orquestra. Aí tudo isso já vai ficando complicado, se não tiver realmente a ajuda da prefeitura, se torna muito difícil mesmo.

Pelo nome, sessenta e sete anos, pelo nome que tem, pela idade que tem, acho que era pra receber muito apoio porque é só aqui em São Caetano que tem o boi de quatro pernas, totalmente diferente desses bois por aí. Aí é que está a situação, que a cultura é muito importante, principalmente numa cidade como a nossa que é carente, atrai muito turismo.

### **Entrevista 11 - Maximiano Monteiro da Silva, o “Maxico” (músico)**

Quando eu comecei a participar dessas funções de música aqui foi em cinquenta e cinco, de lá pra cá, são quarenta e seis anos de música, por aí assim. Eu comecei a ingressar nesse Boi Tinga e desse tempo pra cá não falhei mais, todo ano eu participo. Primeiro eu fazia parte dos que tocam, agora, eu é que componho a orquestra. As músicas eu faço, as partituras, os músicos ensaiam e a gente põe a brincadeira.

Tem muitas músicas, mas passa essa época e a gente, no outro ano é que vai tocar de novo. Eu tenho algumas partituras, mas não tenho todas. A orquestra se compõe de um saxitenor, que é o meu instrumento, um sax-alto, um trombone e um trompete. São quatro músicos que tem de tá sempre, que faz parte desta orquestra. Agora tem os tambores, quatro tambores, chocalho, dois cheque-cheque, a cuíca. São onze ou doze músicos por aí assim. Vai mudando, só eu que vou ficando sempre. Tem muitos músicos aí novos agora, nós temos as bandas de música, eu faço música só pras brincadeiras, negócio de música como diz a história, *pra forró*, eu não faço.

Eu sou pescador também, mas a minha profissão mesmo é carpinteiro naval. Eu trabalho com barcos, porque essa função de música só é porque a gente gosta, mas dizer que dá pra viver...Não tem condição. Eu ainda quero tocar esse ano. O ritmo é carimbo. O samba é em ritmo de carimbó, agora é acelerado pra galera brincar, tanto faz os sambas como as marchas. A gente faz dois sambas e duas marchas, todos os anos têm que fazer isso. A gente conhece por número, tem o número um e o número dois, tanto as marchas como os sambas.

Pra falar a verdade eu comecei a tocar sem aprender, meu começo de música, eu morava no interior, na colônia, era lavrador. Naquele tempo se fazia essas festas assim como tem no interior. Essa aparelhagem não tinha, só era algum músico que tinha em tal parte e lá chamavam, quando queriam fazer uma festa. Eu sempre, logo tive muita ambição pela música. Eu, moleque, ia pro mato e cortava aqueles filhos da embaúba que é furado por dentro, pintava aquelas flautas e levava soprando, mas, besteira...

Quando foi um dia, lá apareceu um senhor que tocava flauta em casa, conversando lá com a mamãe. Eu peguei a flauta e comecei a passar perto dele soprando, aí ele começou a ficar me olhando. Depois ele disse assim: *“Mas rapaz, tu parece que tem muita vontade de ser músico.”* Eu disse: *“Ah, eu tenho.”* aí ele disse: *“Mas essa tua flauta parece que não está conferindo certo.”* Ele pegou a flauta e colocou os dedos na posição e eu fiquei defronte dele mirando assim, como era a posição que ele ia dar.

Quando ele saiu de casa eu saí pro mato e fui cortar outro e fazer outra flauta. Aí eu furei, fiz com ferro quente os buracos, fui ajeitando, ajeitando, até que parece que conferiu, mais ou menos que eu já tinha mais ou menos essa escala, esse som: dó ré mi fá sol, lá si ré dó... Parece que Deus coloca na cabeça da gente aquilo que vai dá sorte pra gente fazer. Pronto, daí, passei ensaiar nas pautas, sem estudar partitura, só da minha cabeça mesmo.

Eu ouvia, naquele tempo, tinha samba de carnaval, era marcha, aí eu gravava e saía pra tirar na flauta e conseguia. Aí meu pai comprou um clarinetezinho, aí pronto, passei tocar, mas só curiosidade mesmo, nesse tempo não tinha quase músico pra tocar naquelas festas. Aí depois que eu vim pra cá pra São Caetano, aí tinha as bandas de música e eu passei a estudar partitura.

**Entrevista 12 - Brincantes do Cabeçudo (depoimento coletivo): Junielson Rodrigues, Messias Santa Rosa e Hamiltom Santa Rosa**

Eu gosto disso aqui porque eu acho melhor que Pierrô sabe? Acho muito bacana dançar com o Cabeçudo. Também quando a gente tá com calor, a gente pode tirar, não é que nem Pierrô que a gente coloca assim e fica aquele calor, fica agoniando, a máscara fica incomodando aqui na cabeça. É por isso que eu gosto mais desse aqui (o cabeçudo) porque na hora que está incomodando, quando quer, a gente tira.

E chama mais atenção, é mais bacana também porque chama mais atenção das pessoas, as pessoas gostam mais do Cabeçudo do que do Pierrô, é mais engraçado.

Eu já tenho dois anos brincando disso, quando eu era menino não brincava porque tinha medo, quando saía assim, tinha medo do Cabeçudo e do Buchudo, então...Algumas crianças agora não têm medo, mas tem vezes que eu corro atrás delas assim, saio correndo.

Tem vezes que a gente faz umas graças, assim, no meio do boi; brigar um com o outro, Cabeçudo e Cabeçudo.

Eu aprendi a fazer olhando os outros fazerem, porque tem um senhor aqui, que ele faz, aqui em São Caetano, o seu Edgar e o Capixaba. Aí eu fiquei olhando e através de olhar eu aprendi como é o cabeção.

Primeiro a gente escolhe o paneiro que é seu Edgar que faz, depois a gente pega a goma e o papel que vem saco de cimento. A gente corta tudinho, aí vai colando por cima do paneiro, cola no próprio paneiro. Aí dá uma primeira encapada, coloca no sol e ele estica. Depois dá a segunda, estica. Aí, na terceira encapada, a gente coloca a orelha, que é de papelão, ela é costurada. Aí, vai encapando e quando tiver umas sete encapadas a gente começa a pintar a cara dele, que é o rosto, de róseo. Aí a gente rabisca tudinho aqui (na face) e pinta preto aqui (no topo da cabeça). Aí faz o olho, a boca, o que queira, nossa cara.

O cavanhaque, a boca, o dente, a gente pode inventar barba, a gente pode inventar o cabelo, o que quiser. Aí sai o cabeção, faz um buraquinho no meio da testa pra gente olhar. Alguém tem dificuldade assim de ver, é porque tem uns que têm medo, bota a mão pra frente com medo de cair. Mas nós, que já somos acostumados, a gente coloca pra trás que a gente já sabe o *macete*. Segura no paneiro aqui assim, sabe, pro cabeçudo não ficar rodando pra lá e

pra cá. Nós que temos que estar rodando o cabeçudo, tem que usar o braço pra ele dançar como a gente quer e quando a gente fica cansado, a gente faz assim pra entrar o ar (suspende a cabeça), porque é muita quentura lá dentro. A gente tem que tá levantando o cabeçudo pra quentura descer.

Quando o suor pega, ele amolece tudinho. No outro dia tem que deixar no sol pra endurecer, geralmente, ele dura uns três anos. Só que todo ano a gente muda de caricatura. Digamos: esse ano a gente brinca, aí quando for no outro ano a gente tira a capa aqui, aí deixa só o paneiro e começa de novo encapar. Aí faz de novo o cabeçudo, mas o paneiro às vezes não presta mais.

Tem vezes que a gente tira assim as fôrmas de outros cabeçudos, e coloca. Aí vai desenhando, a gente vai inventando. Invento Cabeçudo careca, louro, testudo, tem a mulher, só que não da pra fazer Cabeçuda que os Cabeçudos vêm tudo atrás das Cabeçudas, aí não presta.

O paletó é a mão do cabeção, mas isso tem que dá certo, porque não incomoda, fica certo na cintura. Aqui a tradição é o paletó, mas sem a calça, porque faz parte mesmo. Tem uns que saem meio brabo, tem japonês, tem vez que sai triste, de todo jeito. A gente mesmo inventa a roupa e a mão tem vezes que é de papelão, outras vezes são de pasta de plástico, daquelas de material escolar. A gente mede o tamanho da mão e recorta, depois põe no paletó.

### **Entrevista 13 - Newtom Chagas (artista plástico)**

Todo mundo em casa é envolvido com o universo odivelense, porque a gente é comitiva mesmo, né. Onde o Tinga estiver a gente vai.

Padronizar, eu não sei até que ponto é uma coisa bacana. Pra mim é a música, o movimento, roupa, porque na verdade isso aqui é o cenário. Quando eu falo você moldar, porque tem um japonês pra fotografar, isso é preocupante.

Eu não consegui até agora nenhuma fonte de onde provém esse capacete de origem mourísca, qual essa relação com a geografia, como chegou aqui isso. Nem livro, nem revista e nem eles sabem explicar. Na minha pesquisa a forma, ela é moura, mas que influência? Quem trouxe?

O papel machê, como chegou esse processo da máscara aqui? Não tem e é meio complicado porque eles próprios não sabem te dizer isso, então a coisa fica muito assim, uma revista diz uma coisa. Por que da questão desse tipo de materiais na confecção dos Pierrôs? Enquanto é um lamê, um cetim, tudo bem, mas o que é que justifica nessa quentura uma toalha de algodão?

A forma da máscara remete ao carnaval de Veneza. Então tem muitas coisas que não foram esclarecidas até hoje enquanto pesquisa: o porquê dessa influência, donde vem essa coisa.

Se você tivesse uma visão aérea, aquilo é tão espontâneo, aqui. Os meus sobrinhos, por exemplo, o Tinga começa a tocar eles já ficam: “*mãe, o boi vai sair*”. Já ficam inquietos. O brincante chega, eles têm uma coreografia que eles não ensaiam. Eu estava vendo ontem um grupo de garotinhos tudo atrás do Tinga. Sabe o que é legal nisso? É a tradição, eles vão crescer e a gente já tem uma platéia que vai virar espetáculo mais tarde, vai dar continuidade. Diferentemente do que é feito, por exemplo, nas escolas; aquele momento lá é estanque, aconteceu pronto, o que ficou nas crianças?

Se tu incorporas no cidadão, no indivíduo, essa questão da tua manifestação cultural, porque tu, enquanto indivíduo, sendo desse contexto social tu não valorizas? Aí vem um outro lá de fora que redescobre e leva pra ele.

Essa manifestação que o boi provoca eu acho que é a coisa mais saudável é essa resistência, dele permanecer. Mesmo ao longo de todo esses anos, sem patrocínio de qualquer instituição que seja, porque não pode também esperar que tudo venha do poder instituído. Então tem dificuldade, temos, isso é da nossa política, mas de que forma dentro dessa dificuldade a gente pode permanecer?

Se alguns elementos são inseridos a gente tem que saber fazer o discernimento. De repente uma pessoa travestida, a intenção dela é fazer parte daquele momento ali, e acaba sendo transitório. Eu sinto falta das bandeiras.

São Caetano tem uma tradição de música muito grande. Aqui a gente amanhecia com a alvorada e a gente acompanhava a banda e tal. Então é uma cidade que construiu um ritmo muito nato, fantástico mesmo.

O Tinga não tem roteiro, ele não tem fala, mas ele se manifesta de uma maneira que ele mexe com teus sentidos. Então é um laboratório estético, porque ele trabalha, só não o sabor, mas tem a audição e tem a visão, aí, quer dizer, a questão do Tinga não fica restrita só a dança, é todo o envolvimento da cidade com o boi e tem toda essa questão também. O Tinga passou: ele passa, ele vai, mas ele nunca te deixa como te encontrou, alguma coisa em ti se alterou, pelo ritmo, pela visualidade, pela música.

Eu sou apaixonado por essa visualidade, por essa passagem do Tinga, como ele nos deixa. E aí eu tentei numa exposição, que eu fui convidado a participar, e fiz um quadro, meu primeiro trabalho em pastel. Mas ele é, é como eu via o Tinga. Mas de que forma eu posso chegar a grandiosidade da manifestação que é o Tinga? Transformar numa grande instalação, plasticamente? Aí eu comecei a desenvolver.

Então eu pego os elementos chaves que são as cores, mas transformo isso noutra coisa. Eu montei e coloquei: “*Eu vi o Tinga passar.*” Tudo junto, porque quando eu falo “*eu vi,*” é Eu. Tu viste, ela viu, cada um tem uma forma de ver.

Uma leitura dessa minha pesquisa enquanto forma plasmada é nosso olhar de academia, mas sem querer desviar do popular. Ele continua sendo popular. Nossa escrita, nossa fala é acadêmica, mas ele é popular.

#### **Entrevista 14 - Rondinelli Palha (responsável pelo Boi Faceiro)**

Em oitenta e seis, quando o Tinga saiu daqui pela primeira vez, quem levou foi o Paes Loureiro, que era secretário de educação. Só que quando o Tinga se apresenta é da seguinte forma: colocam a orquestra em cima do palco e alguém diz que é o Boi Tinga de São Caetano de Odivelas e eles tocam. Ninguém fala mais nada, ninguém conta o histórico do grupo. Aí, houve alguns anos que só o Tinga saiu mês de junho aqui e manteve essa tradição, aí as pessoas vinham ver e só encontravam o Tinga, quer dizer, o Tinga acabou virando sinônimo.

A primeira vez que a gente viajou com o Faceiro pra Belém foi em noventa e nove pra praça da República. Aí a gente apresentou, fez o apanhado do boi de máscaras, aí no dia seguinte no jornal saiu assim: “*Arraial da alegria na praça da República, a festa começou pelo interior, o Boi Faceiro de São Caetano de Odivelas etc. A orquestra convidava todos pra*

*brincadeira do Boi Tinga*". Quer dizer, a brincadeira era "boi tinga", o boi era Faceiro, mas a brincadeira era o boi tinga.

No mesmo dia, em outro jornal saiu: "*O Boi Tinga, Faceiro, de São Caetano de Odivelas*." Aí quer dizer que acabou tudo virando o "boi tinga". Aí a gente acabou querendo quebrar isso daí.

Existe uma confusão de datas do Faceiro com o Tinga. Existe uma versão que diz que o Faceiro foi fundado em mil novecentos e trinta e cinco. Outra em mil novecentos e trinta e sete. Se a de trinta e sete for verdadeira, o Tinga não foi fundado em trinta e sete, foi fundado em trinta e nove. Essa versão era defendida pelo maestro Silvano; ele se baseava na data do casamento dele.

Na verdade, uma coisa é certa; o Tinga surgiu depois do Faceiro, porque, o Faceiro foi fundado e foi agregado ao Progresso, que é um time de futebol daqui, e o Tinga surgiu depois, agregado a um outro time de futebol, que é o Marítimo. Só que o Marítimo foi fundado em maio de mil novecentos e trinta e sete, então fica meio encima o Tinga ser fundado logo em junho do mesmo ano, pois já que o Marítimo foi criado não podia se criar uma rivalidade tão grande com o Progresso, que já existia. Então existe essa confusão de datas.

O Faceiro surgiu, depois surgiu o Tinga. Criou-se essa rivalidade que veio dos dois times na verdade. Porque já existia até um bloco, o bloco Tradição era o bloco do Progresso e o bloco do Galo era o bloco do Marítimo. Essa rivalidade já vinha do mês de fevereiro, então já que o Marítimo foi fundado em maio, então o carnaval ainda não tinha acontecido. Então eu acredito que a versão do maestro Silvano seja mais aproximada.

Ribanceira, Tronco Velho, a brincadeira em si já existia, a manifestação do boi de máscaras já existia. O Faceiro surgiu a partir de uma manifestação que já existia. Conversando com as pessoas mais antigas a gente chegou a conclusão de que essa manifestação surgiu de uma fusão do cordão de pássaro com o boi bumbá tradicional, por isso que hoje em dia não é só o boi que é a figura central da brincadeira, existem outros bichos e esses bichos vieram dos cordões de bicho.

A marcha era aquela marchinha de entrada lá: “*A noite é linda, é linda como a ...*” que os cordões de pássaro e os cordões de bicho entram. Ela veio, só que ficou um pouco mais acelerada. Então quer dizer, antes do Faceiro e do Tinga, já existia a manifestação em si.

Voltando à história do Faceiro, ele surgiu em uma dessas duas datas e desapareceu em quarenta e sete devido à rivalidade dos grupos e muitas brigas que estavam existindo entre o Tinga e o Faceiro. Dez anos ele saiu, aí o que aconteceu, os familiares do seu Palmira, que era o fundador do grupo e também era presidente do Progresso, levaram ele pra Belém, pra ver se acabava com essas brigas. Mas antes disso, nos dois últimos anos, no caso quarenta e seis e quarenta e sete, o Faceiro saiu como boi bumbá, tradicional, com comédia, o Pai Francisco, a mãe Catirina. Só que, o público está acostumado com o boi de máscaras e já acabou não tendo aceitação e acabou perdendo pro Tinga.

O grupo desapareceu e a partir daí o Tinga veio dando continuidade a essa história, sendo que, paralela ao Tinga, o pessoal das comunidades do interior continuou botando as brincadeiras também, só que havia mudança de tema. Acho que se eles tivessem mantido o mesmo tema desde esses tempos, lá talvez o grupo do interior tivesse a mesma fama que o Tinga.

Houve casos em que eles, revistando revistas, achavam um bicho bonito aí iam: “*Seu Dos Reis, o senhor consegue fazer? Consigo, então faça que a gente vai botar esse ano aqui.*” Aí vieram saindo; o alce, até um dinossauro saiu aqui durante alguns anos. Mas o pessoal parece que tem mais amor é pela figura do boi, tanto é que quando a figura é o boi tem mais aceitação que qualquer outro bicho.

Em relação ao Faceiro, nós resgatamos em noventa e oito. Ele surgiu inclusive de um episódio em que o Tinga foi convidado pra se apresentar em Castanhal e eu e o Pedro Edsom, que costumava brincar de perna do boi, fomos tentar viajar com o grupo, mas chegamos em cima da hora e não pudemos ir.

Aí como a gente já trabalhava com um grupo de teatro, o que é que a gente fez? No momento mesmo, surgiu a idéia: “*Vamos fazer um boi pra gente brincar?*” Mas a intenção era de fazer um boi pra brincadeira do pessoal do grupo mesmo e ficamos amadurecendo a idéia durante um ano. Aí a gente conversou com mestre Bené, que era meu avô, e ele nos contou a história do Faceiro. Aí a gente foi conversar com seu Silvano e ele também contou.

Infelizmente os dois já faleceram e a gente acabou perdendo algumas coisas com eles também.

Aí nós mandamos fazer o boi, porque na verdade a gente ia resgatar o Tronco Velho, que era um boi bem antes do Tinga e do Faceiro. Mandamos fazer o boi marrom, mas na conversa a gente achou a história do Faceiro bem mais interessante e resolveu resgatar.

No primeiro dia que o Faceiro saiu, dia cinco de junho de noventa e oito, a gente não esperava fazer tanto sucesso como fez. As pessoas que chegaram a ver o Faceiro, anos atrás, há cinquenta anos atrás, ainda tinham aquele amor, aquela lembrança que acabou agradando a gente e servindo como combustível. Aí a gente começou a dar uma outra cara pro boi de máscaras.

A gente começou a organizar detalhes que não existia nos outros, a gente começou acrescentar; como o vaqueiro mascarado, como a fantasia própria. Os grupos antes não tinham fantasias próprias, era a população que brincava. Aí a gente resolveu confeccionar pierrôs próprios, cabeçudos próprios, os próprios cavalinhos, vestimos a orquestra de uma forma bem organizada, bem padrão.

O problema que os grupos enfrentam aqui é o seguinte: Pra arrecadar dinheiro tem que brincar o maior número possível de casas, pra isso tem que sair o quanto mais cedo, mas como noventa por cento dos brincantes tem fantasia própria, a população toda tem, só vai brincar a noite, quando o ar tá mais fresco. Então os grupos tinham dificuldade de sair quatro horas, eles começavam batucar nesse horário, mas o grupo só saía às sete horas da noite, que é quando o pessoal resolvia brincar.

Então, pensando nisso, a gente resolveu confeccionar as nossas próprias fantasias pra que o boi saísse cinco horas mesmo. Então cinco horas a gente sai com as nossas fantasias, com os meninos do grupo brincando, sendo que sete horas a população já vem e engrossa o caldo.

Quando o Eudes Aquino era secretário de cultura ele promoveu um resgate dos grupos que já existiam. Então ele foi no Pereru de Fátima, aproveitando até nossa idéia de resgatar o Faceiro, ele resolveu por isso no município e acabou indo. Aí ele foi no interior e promoveu o resgate do Calibu, promoveu o resgate do Bode Montês e promoveu o resgate da Zebra.

Ele fez todo um trabalho de marketing e divulgação. Nesse ano o pessoal da Secretaria de Estado de Cultura (SUCULT) acabou trazendo a Paixão do boi pra cá. Quer dizer, de alguma forma foi bom e foi mal esse resgate. Foi bom porque os grupos ressurgiram e foi mal porque alguns grupos mostraram um despreparo.

Aí resgatou todos esses grupos, que os mais tradicionais eram: O Resolvido, na Santa Maria da Barreta, o Calibu, no Pereru, a Zebra, aqui na cidade, o Bode Montês no São João dos Ramos e o Faceiro. Nessa época a SECULT passou um cachê de mil e duzentos Reais pra cada boi e quem soube aproveitar o seu dinheiro investiu no próprio grupo.

Quem não soube investir, o grupo acabou desaparecendo de novo. Aí o que é que nós fizemos? A partir daí a gente montou uma estrutura pra que não dependesse mais de ajuda política. A gente começou a trabalhar o marketing, a divulgar o nome do Faceiro, principalmente aqui na cidade, para que tivesse uma aceitação. E graças a Deus, em quatro, cinco anos, a gente conseguiu que ele chegasse próximo do Tinga.

Hoje em dia as pessoas brincam no Faceiro pela organização, pela cara que a gente deu e brincam no Tinga pelo amor que se criou. Porque todo mundo aqui cresceu vendo o Tinga brincar. Eu tenho um pouco de história com o Tinga porque meu avô cantou lá e eu acompanhei muito ele em viagem com o Tinga. Quer dizer, as pessoas brincam no Faceiro pela organização que se deu e no Tinga pelo amor que se tem, pela tradição toda, que afinal, o Tinga é, vamos respeitar, continua sendo o mais tradicional de todos os grupos e estamos aí com o Faceiro até hoje.

Não existe rivalidade porque também não existe um grupo formado. Por exemplo, se eu tenho meu Pierrô eu brinco no Tinga e brinco no Faceiro. O que existe hoje em dia é um respeito de não sair os dois juntos e ver quem puxa mais e quem puxa menos. A essência do boi de máscaras é sair de casa em casa, o boi brincando, as pessoas vindo e saindo, essa é a alma.

A sugestão é formar uma associação dos amigos do Tinga e do Faceiro a princípio pra ver se a coisa caminha e a partir daí os outros viriam por acréscimo. Pra garantir as saídas do grupo aqui, porque o que acontece? Se o Tinga ou o Faceiro não sai, a comunidade faz pressão para botar o boi na rua, porque querem brincar. A gente está conversando sobre esta associação dos amigos, sendo que cada grupo mantém sua autonomia, mas a preocupação

maior é criar condições para que os dois grupos saiam nas ruas de São Caetano. Fazer com que os grupos não fiquem mais nessa dependência do poder público.

### **Entrevista 15 - Eudes Aquino (responsável pelo Boi Faceiro)**

Em relação à questão da manifestação cultural, quando eu fui secretário eu procurei muito a questão de preservar o que eu achava que já estava se perdendo até pela ausência dos grupos. Por exemplo, muitas comunidades, quando eu tinha uns dez, doze anos de idade eu lembro ainda bem como era aqui. Os grupos dos interiores, a presença deles era forte no município, na festa em si.

A preparação do povo, que se preparava para o mês de junho, eu lembro que influenciava em um bocado de coisa, até nas escolas. Quando chegava o mês de junho era uma evasão total nas escolas. A igreja sofria também com o esvaziamento, tudo, em tudo tinha uma influência o boi. Com o passar do tempo, não sei se foi pela questão de outros tipos de diversão que chegaram até a gente, culturas que não eram nossa, a questão da mídia e tudo, com o acesso das pessoas à televisão, essas coisas que se levou e o descaso também das próprias autoridades locais que ainda não despertaram pro valor que tem.

Na época que eu era secretário eu procurei fazer esse resgate desses grupos que foram desaparecendo. Nós fizemos um trabalho no primeiro ano, em noventa e sete, e procuramos incentivar, indo assim nos municípios como Santa Maria, São João, Pereru de Cima, que tinham um grupo. Os grupos tradicionais do interior que vinham pra cá, por exemplo, tinha o Alce, o pessoal que organizavam bacana e que depois foram deixando isso de lado, deixando isso pra lá, porque foram se sentindo desmotivados em fazer.

Os mais velhos, aqueles que gostavam, foram morrendo. Aí não foi passando pra ninguém, os outros não foram se interessando e a gente resolveu fazer esse resgate a partir daí. Então, como eu estava na secretaria, resolvi incentivar pra que se criasse outros grupos também aqui em São Caetano, porque eu achava que se tivesse mais um boi ia ter uma certa competição a exemplo das quadrilhas. A quadrilha existia uma só, aí outra surgiu e foi certo.

Quando o Faceiro surgiu teve aquela competição pra ver quem era o melhor. O Faceiro, com pessoas mais jovens, mais idéias, mais organizado, inovou sem fugir das

características tradicionais, mas tinha uma certa estilização das indumentárias. Essa questão do resgate a gente levou em frente, aí os grupos que já tinham ido embora, acabado, as pessoas tinham morrido, como no caso aqui do Pereru, que tinha morrido o seu Jonas, que era o chefe que colocava, aí veio o filho dele e já se interessou, que viu o Faceiro. A exemplo do Faceiro já vieram também, aí convencemos o prefeito a dar uma parte da indumentária e assim por diante.

Hoje a gente tem um bocado de grupo e sente essa necessidade agora, por exemplo, já não é com a questão do resgate, é preservar o que nós temos. Hoje um dos maiores problemas que eu vejo com os grupos é essa questão da aceitação. Por exemplo, todo mundo quer brincar no boi, mas nas casas não querem receber. Tem um certo horário, assim de onze horas aí ninguém quer receber porque está tarde. Quer dizer, tudo isso foi se perdendo, porque antigamente o boi amanhecia, saía às vezes dez horas da manhã e ia até quatro horas do outro dia e hoje não. Uma forma de preservar isso seria cuidar dessas pequenas coisinhas.

#### **Entrevista 16 – Edgar (artesão)**

Quando eu iniciei fazer os cabeções, nessa época já existia, só que a única coisa que eu fiz foi aprimorar alguma coisa. Por exemplo, pintar o cabeçudo, que nessa época ele não era pintado, era feito com um papel que chamava papel manília. Aí nós, eu e meu irmão e mais outros, achamos que nós devíamos fazer assim pintados. Aí nós pintamos e o pessoal achou bonito, pintamos até com tinta a base d'água. No outro ano pintamos com tinta esmalte, uma tinta mais bonita, aí ficou bonito.

Eu faço isso há uns trinta anos talvez. Antes de mim já existia outras pessoas que faziam. Mas eu não sei quem começou porque quando eu me entendi e comecei a olhar as brincadeiras já tinha o cabeção, isso vem desde o tempo do início das brincadeiras aqui, começou aparecer.

Antes era rústico, era só mesmo como um papel, aí eles pegavam um papel róseo que faz embrulho, esse papel que eles usavam pra fazer a parte da cara e pintavam só a cabeleira de preto. Depois faziam o olho, a boca, essas coisas. Eles não usavam assim como a gente pinta agora tudo de róseo pra ficar mais bonito, pra dar uma aparência bonita.

Nessa época foi assim, nós éramos cinco, aí nós começamos a dizer “*Vumbora brincar de cabeça?*” E então eu já sabia fazer paneiro, aí eles disseram: “*Tu da conta de fazer?*” Eu disse assim “*eu dou*”. “*Então vamos fazer.*” Aí nós fomos pro mato tirar tucumã que isso é feito de tala de tucumã. Aí nós fomos tirar tucumã, aí trouxemos. Chegando em casa preparamos tudinho as talas, aí eu fui fazer os paneiros, fiz cinco paneiros.

Aí, fiz os cabeções, pintamos tudinho direitinho. Quando nós saímos os cinco assim na rua todo mundo se admirava, porque achava bonito tudo pintado. Aí nessa época eu comecei fazer. Eu fazia muito isso. Eu já sabia fazer do outro paneiro, paneiro comum. Aí eu comecei fazer do cabeção, porque o do cabeção tem uma diferença do outro, por exemplo, que a gente faz o fundo aí vem estreitando pra cima, faz a boca já estreita, de acordo com a cintura da gente. Como a gente diz, vai *matando* as talas, pra ir unindo uma na outra. Matando aqui uma, mais na frente outra, pra fazer o bojo, pra poder fazer o feitio bonitinho do paneiro.

Na época eu fazia assim: Eu pintava tudinho ele, encapava. Depois, como eu trabalhava nesse negócio de carpinteiro e pedreiro, aí o pessoal mandava pintar por outro e aí eu só fazia o paneiro, mas eu ainda faço muito, esse ano eu fiz uns trinta entre paneiro e cabeçudo completo. Aí o pessoal vem aqui e pede pra fazer um cabeçudo. Aí eu vejo o tamanho da pessoa e já faço de acordo com o tamanho, é assim que eu faço.

Nessa época que eu comecei fazer era assim, era feito o cabeçudo, aí as pessoas usavam como uma brincadeira assim. Era feito de paletó, tinha gravata e a maioria das pessoas que usavam o cabeçudo, brincavam era de calça comprida, com sapato, tipo assim uma pessoa que vai bem vestida de paletó. Porque sempre o Cabeçudo foi que chamou mais atenção em qualquer parte, através da brincadeira deles. Ainda mais quando eles brincam assim de tá brigando um com o outro, aí é que as pessoas se admiram. Eles atraem mais do que o próprio palhaço, quer dizer, Pierrô, né.

É uma brincadeira divertida, eu brinquei bastante disso. Um cabeção pronto, inteiro, demora mais ou menos uma semana pra aprontar, ainda mais quando está chovendo muito, aí custa mais. O cabeçudo é assim, a gente dá a primeira capa, que é de papelão, capa de saco de cimento. A gente dá a primeira capa e bota no sol pra esticar. A gente passa a goma no papel e cola no paneiro, aí a gente deixa secar e dá outra capa de novo e bota no sol. São quatro capas de papel de cimento pra ele ficar bem resistente. Depois eu pego um papel mais macio, que não chupe muita tinta, dou a primeira demão, a segunda demão, aí já está pronto.

Aqui é assim, a gente faz os paneiro aí as pessoas levam. Chegando lá eles vão encapar. Aí, encapam, então eles pintam do jeito que eles querem. Por exemplo, eu pinto também, aí se o camarada chega aqui e diz: *“Olhe, seu Edgar, eu quero um cabeçudo pintado assim nas cores verde e branco ou de azul e branco”*, aí eu pinto do jeito que ele quer, eu faço. Cada um inventa o seu, aí faz a careta do jeito que quer, o bigode. Sempre houve essas caretas dele, sempre foi assim. O ano passado teve um colega meu que fez um careca, todos eles inventam.

### **Entrevista 17 – Brincante do Boi Tinga (perna)**

Minha brincadeira mesmo é só debaixo do boi, mas eu gosto porque pra mim é emocionante, sabe? A gente brinca com o vaqueiro, faz que se encontraram pra brigar, então a gente fica naquela brincadeira. A parte de baixo, o que o da frente está fazendo você acompanha aqui atrás, a gente não ensaia nada, a gente improvisa. Agora, o de trás tem que acompanhar pra ficar bonito. O rapaz da frente está dançando qualquer passo que ele fizer, se ele se abaixa, a gente tem que acompanhar direitinho pra não ficar feio. Se é pra correr ou dar um passo, a gente acompanha, pra poder ficar bonita a brincadeira.

Não tem dificuldade nenhuma, só a única coisa que às vezes chateia a gente é quando os Pierrôs amassam e puxam o chifre, mas a gente leva na brincadeira. Às vezes a gente sai aí conversa e pede pra eles não fazerem isso, mas é porque eles querem pegar no boi, ficar perto dele.

A gente (perna do boi) não chega a bater em ninguém, só faz que tá com raiva pro pessoal abrir, fazer aquela gritaria toda, dar um susto. Eu já brinquei de Pierrô, Cabeçudo, Buchudo, tudo eu já brinquei, mas depois eu escolhi brincar debaixo do boi. A gente não ganha nada, eu brinco porque gosto de brincar mesmo e os outros também. Eu já fiquei brincando desde o início até o final, é divertido, é uma coisa que eu adoro muito.

Tem muitos colegas que gostam de beber brincando, mas eu brinco sem beber. Se eu for brincar debaixo do boi eu não bebo mais, porque de repente, sem querer, tu roda, tu bate alguém, uma criança cai, então a pessoa quer falar contigo aí tu tem que tá sóbrio e pedir desculpas, porque às vezes acontece da pessoa cair.

Tem muitas crianças que brincam. Eu tinha uma vó que tinha uma escola, então ela pegava e fazia um boi só pras crianças, só que agora já tem o boi das crianças. Mas é só pra brincar mesmo, o pessoal leva seus filhos e vai acompanhando do lado a brincadeira. Os pais compram fantasia pros filhos. Agora tem aquelas crianças que desde pequenininho começam brincar debaixo de perna, eles já gostam.

Nós somos seis pernas, cada casa é umas pernas que dançam. Aí você sai daqui pra outra casa, dança e aí já sai, porque daí vem outro pegar. Cada um tem seu parceiro. Quando sai duma casa pra outra, aquele que acabou vai levando até chegar outra casa, mas nem toda vez os mesmos pernas ficam até o final.